

FACES DE UM PROFETA: ANÁLISE DA PRODUÇÃO VISUAL DO MONGE JOSÉ MARIA

Levi Quimera Virissimo, Rogério Rosa Rodrigues

INTRODUÇÃO

Ocorrida entre os anos de 1912 e 1916, a Guerra Santa do Contestado é acontecimento relevante para a história do estado de Santa Catarina. Presume-se que um episódio de escopo tão expressivo tenha sido marcado por extensa produção narrativa a respeito de seus cenários, conflitos, lendas, religiosidade e personagens importantes, tópico central desta investigação, que busca compreender e problematizar as diferentes representações artísticas do monge José Maria, assim como as perspectivas produzidas e reproduzidas sobre ele com o passar do tempo.

Como bem destacado por Welter (2015), na tradição religiosa cabocla vinculada aos monges do Contestado, não havia, como ainda não há, entre os devotos, separação ou diferenciação entre as figuras dos monges. Todos cumpriam as mesmas funções: batizavam, aconselhavam, benziavam e curavam; não aceitavam dinheiro em troca de seus préstimos; não dormiam no interior das casas, buscando geralmente pousar perto de nascentes de água, que se tornavam, a partir de sua presença, abençoadas. Essa indiferenciação é constitutiva do próprio processo de santificação, que tende a suspender a historicidade dos sujeitos e dos fatos históricos envolvidos, fundindo trajetórias distintas em uma única figura sagrada e atemporal.

A historiografia, por sua vez, tratou de individualizar essas figuras, destacando inicialmente três monges: João Maria de Agostinho, João Maria de Jesus e, por último, José Maria (Kunrath, 2020; Karsburg, 2014). Este último foi classificado, tanto entre os pesquisadores quanto entre os militares e a imprensa da época, como impostor, em contraposição à legitimidade atribuída aos monges anteriores. Oswaldo Rodrigues Cabral, nesse sentido, escreveu que José Maria teria se beneficiado da fama e do prestígio conquistados pelos monges que o precederam. Seu maior "pecado", segundo essa leitura historiográfica, teria sido conduzir a população a um conflito armado, que resultou na Batalha do Irani, em outubro de 1912.

É diante dessa tensão entre a indiferenciação devocional e a individualização historiográfica, na qual José Maria ocupa um lugar ambíguo, por vezes deslegitimado, que esta pesquisa se pergunta: os artistas contemporâneos diferenciam o monge José Maria dos demais monges do Contestado? E, quando o fazem, como ele é representado visualmente?

DESENVOLVIMENTO

A pesquisa partiu de um levantamento da produção visual a respeito do monge José Maria na Guerra Santa do Contestado, associado à leitura dialogada de livros, artigos e teses organizados na plataforma Zotero, com vistas a compreender a tradição religiosa cabocla e suas manifestações. O levantamento iconográfico abrangeu publicações impressas e digitais, contemplando diferentes linguagens da arte: pintura, desenho, história em quadrinhos e escultura, de modo a captar a diversidade de suportes pelos quais a figura do monge é (re)construída visualmente.

Da análise iconográfica desse conjunto, destacam-se os quadros de Carlos Roberto Zumblick, Hassis (Hiedy de Assis Corrêa) e Dea Catharina Reichmann, juntamente com as histórias em quadrinhos "A Saga do Contestado" (2012), de Eleutério Nicolau da Conceição, e "Era uma Vez no Contestado" (2024), de André Caliman. A escolha dessas obras teve por intenção identificar a temporalidade das representações e, sobretudo, confrontar as imagens produzidas pelos artistas com os apontamentos da historiografia sobre a trajetória e o papel de José Maria no conflito. A pesquisa

beneficiou-se de farto levantamento e análise iconográfica realizada por Rita Peixe (2012) em pesquisa sobre as diversas representações do Contestado nas artes visuais, assim como a recente pesquisa efetuada por Valentini (2018). Os autores apresentaram metodologias de análise e registros biográficos dos artistas que muito contribuíram para este trabalho.

RESULTADOS

A investigação da produção visual sobre o monge José Maria sinaliza as diversas facetas dessa figura complexa. Nas obras de Hassis, o monge se porta de maneira confiante, como conselheiro e líder do povo; já em Reichmann, cujo estilo e paleta de cores melancólicos marcam a composição, destaca-se o aspecto de profeta orador diante das multidões: ambas as obras, no entanto, referem-se mais diretamente a João Maria de Jesus, o segundo monge, a quem tradicionalmente se atribuem as curas e os conselhos espirituais.

Zumblick e Reichmann também apresentam quadros que retratam o monge-soldado e conselheiro de guerra: Zumblick traz o monge guerreiro que guia e enfrenta as tropas a cavalo, enquanto Reichmann representa o monge lendo o célebre livro "Carlos Magno e os Doze Pares de França". Esses elementos sinalizam, de forma mais direta, a representação do terceiro monge, José Maria, geralmente atribuído ao papel de monge combatente, reforçando, no plano visual, a associação que a historiografia estabelece entre ele e a deflagração do conflito armado.

Ao serem confrontadas com a historiografia, as representações visuais revelam certa ambivalência: enquanto os textos historiográficos tendem a marcar José Maria pela desconfiança, como impostor que se apropriou da fama dos monges anteriores e conduziu a população ao confronto do Irani em 22 de outubro de 1912, a produção artística, sobretudo nas HQs analisadas, tende a suavizar ou mesmo romantizar essa figura, aproximando-a novamente da indiferenciação devocional própria da tradição cabocla, na qual José Maria é apenas mais uma face do mesmo monge sagrado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise revela uma rica bagagem de produções visuais destinadas ao monge José Maria e à Guerra Santa do Contestado. A potência dessas representações, e do discurso que reproduzem, manifesta-se na construção do imaginário popular, da memória coletiva e na manutenção da tradição cabocla, que segue reimaginando essa figura enigmática, ora aproximando-a da santidade indiferenciada da devoção popular, ora reafirmando o lugar ambíguo e contestado que a historiografia lhe reserva. José Maria permanece, assim, vigente na herança religiosa, nas práticas de cura e na filosofia de vida cabocla, mesmo diante das tensões entre memória, fé e história.

Palavras-chave: Monge José Maria; Guerra do Contestado; narrativas visuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KARSBURG, Alexandre de Oliveira. A trajetória de um eremita peregrino na América do século XIX. **Debates do NER**, Porto Alegre, n. 25, p. 17-71, jan/jun. 2014 DOI: [10.22456/1982-8136.49735](https://doi.org/10.22456/1982-8136.49735)

KUNRATH, Gabriel Carvalho. Entre repetições, consensos e contrassenso: uma possível trajetória de José Maria através da historiografia sobre a Guerra do Contestado (?–1912). In: NASCIMENTO, Eduardo do (org.). **Rede Contestado de educação, ciência e tecnologia**. Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2020. p. 156–165.

WELTER, Tânia. **O Profeta São João Maria continua encantando no meio do povo**: Um estudo sobre os discursos contemporâneos a respeito de João Maria em Santa Catarina. Tese Antropologia Social. Florianópolis: PPGAS/UFSC, 2007.

PEIXE, Rita Petrykowski. **Imagens que (re)constroem história**: alegoria e narrativa visual da Guerra Sertaneja do Contestado. 2012. 370 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, [Universidade Federal do Rio Grande do Sul](#), Porto Alegre, 2012.

VALENTINI, Delmir José; WITTE, Gerson. Artistas espreitam a História e escrevem com pincéis. In: RODRIGUES, R. R. et al (org). **A Guerra do Contestado Tintim por Tintim**. São Paulo: [Letra e Voz](#), 2023. p. 421- 430.